

CURSO currículos inovadores

oportunidade para as IES
diante da revolução pós-digital

MÓDULO III

Outros impactos da autorregulação

Além de incidir sobre as metas do PNE, um processo de autorregulação poderá propiciar a efetivação das ações apresentadas nesta publicação, com destaque para aquelas coerentes com o cenário inovador e as necessidades específicas do século XXI. A saber:

- Fortalecer as IES como *locus* de conhecimento e de cultura, alinhado com o desenvolvimento científico e tecnológico, de acordo com a finalidade da educação superior;
- Promover aprendizagem que seja aderente às necessidades do mercado e da sociedade;
- Oferecer uma educação continuamente em mudança e que seja atrativa para o estudante.

Trata-se de um desafio gigantesco, considerando o fato de a educação superior brasileira ser, ainda, majoritariamente de perfil conservador, complexa e heterogênea, conforme revelam estudos e pesquisas, assim como o Censo da Educação Superior 2018.

Outro aspecto a ser considerado é o traço comum da legislação da educação superior brasileira, excessiva e minuciosa, apesar do esforço empreendido pelo MEC em 2017, de minimizar o peso regulatório, com a revogação de vários atos normativos e a publicação de dois decretos, vários atos normativos e novos instrumentos de avaliação. Entretanto, sem conseguir alterar, significativamente, o fundamento teórico que sustenta a regulação da educação superior vigente.

Por fim, a expectativa é de que um processo autorregulatório nascido da parceria entre o governo e o setor educacional privado possa prosperar, desde que preservadas as respectivas competências legais.

O que não pode mais perpetuar são as burocracias e os protocolos inflexíveis, que levam à uniformidade e impedem a incorporação de modelos inovadores e

tecnológicos nas IES e nos cursos superiores. É urgente aceitar que os debates sobre uma autorregulação possível – os quais têm sido empreendidos coletiva e colegiadamente pelo setor – e sua real efetivação poderão conduzir, com sucesso, a educação superior brasileira à Era Pós-Digital ou à Era dos Algoritmos, na perspectiva da evolução da qualidade e da responsabilidade.

Nesse sentido, é oportuno registrar a citação de Lara de Xavier, Paulo Chanan e Maximiliano Damas na publicação da ABMES intitulada Cenários da Educação Superior no Brasil: reflexões sobre a nova legislação e os novos instrumentos de avaliação, de 2018, pela aderência com a realidade. A saber:

...a cada novo olhar, uma incômoda sensação polissêmica volta a nos acompanhar, pois temos a falsa crença que na concepção e implantação de qualquer novo projeto, quanto mais informações objetivas temos (ou seja, menos perguntas, menos dúvidas, menos significados), mais simples parece ser a sua dinâmica, entretanto mais comum e menos impactante esse projeto será. Por outro lado, essa mesma múltipla possibilidade de atribuir significados também se torna uma fonte fértil para exploração da criatividade e do exercício de autonomia, que somadas fazem emergir a potencialidade criadora latente que existe dentro de cada um que está a buscar respostas e soluções. Aqui, o buscador são as Instituições de Educação Superior, são cada um dos seus cursos... explorarmos o autoconhecimento, a criatividade, a liderança, a inovação e o pensar crítico.

Não são essas as habilidades mais desejadas no século XXI, que se inicia? Bem possível que seja essa a grande transformação da Educação Superior no Brasil: tornar cada IES, cada curso, algo diferente, vivo, multiplicador, aberto, reflexivo, ativo. Um ser mais adaptado à complexidade crescente, às múltiplas contradições, à dinâmica intermitente e fortalecedora das relações sociais, de trabalho e de aprendizado, e assim nos aproximarmos mais do nosso propósito e sairmos, por fim, mais inspirados e inspiradores. Na vida, o mais importante que pode ser feito a alguém é inspirá-lo, dar-lhe a vida, a energia que lhe jogará à frente. Com certeza, depois de vencermos essa etapa, sairemos melhores, para todos!

Esse processo de mudanças epistemológicas, que levam à ruptura com o sistema anterior, impõe que todas as instituições de educação superior busquem criar seus mecanismos de trabalho, como grupos de estudos, comissões etc., pautados em linhas de atuação especificamente sobre gestão educacional.

Inequivocamente, será preciso modernizar e profissionalizar a gestão das IES. A implantação do diploma digital, como ponta do iceberg da autorregulação, não



pode ser concebida apenas como uma ação técnica, mas sim como uma ação estratégica que deverá propiciar uma reengenharia global e integrada que envolva os setores responsáveis pelo planejamento, pela regulação e pela avaliação das IES, inclusive contemplando a revisão de documentos como estatuto, regimento, PDI, PPC, regulamentos, entre outros.

Referência bibliográfica:

XAVIER, Iara de; BOAS, Patrícia Vila **Estudos: Revista da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior: Currículos Inovadores: oportunidade para as IES diante da revolução pós-digital**. Brasília: ABMES Editora, 2020. Páginas 98 a 100. Disponível em: <https://abmes.org.br/editora/detalhe/110>. Acesso em: jul. 2020

